



## BOLETIM ELETRÔNICO

Edição 1, 20 de maio de 2009.

### **O projeto governamental para a Faetec**

Não são escassas as oportunidades em que as autoridades do Governo Estadual têm procurado expor a sua visão político-pedagógica para a Faetec: em audiências públicas realizadas na Alerj, em declarações aos jornais etc. O atual presidente da Faetec, no evento de posse no cargo, também deixou bastante clara as intenções do Governo para a instituição. Em resumo, pode-se afirmar que as falas apresentadas por diferentes representantes do Executivo, a respeito da Faetec, são relativamente coerentes e revelam um sentido educacional mais ou menos delineado. Sem dúvida, apresentar e perseguir a realização de um programa consiste em uma prática rara no seio do Poder Público, mais ainda nestes tempos políticos bicudos, em que a preocupação com a feitura e a realização de projetos educacionais não é muito comum. O convencional atendimento às necessidades cotidianas, ao sabor dos ventos, sem uma perspectiva projetiva de futuro, é uma prática brasileira que domina diferentes esferas de governo e órgãos públicos, há décadas. Portanto, lançar mão do instrumento político e administrativo do planejamento é uma prática salutar e sempre bem-vinda. É capaz de traçar rumos e perseguir objetivos, um movimento que, em si, dá metas e sentido a qualquer instituição. No entanto, em que pesem estes aspectos positivos de um programa educacional, é importante levar em conta a natureza do mesmo. É o que fazemos abaixo, buscando chamar a atenção para algumas características e limites do projeto que está se acenando para a Faetec.

Como se sabe, o Centro Vocacional Tecnológico – CVT representa a menina dos olhos do programa de governo para a Faetec. É o eixo das ações que se pretende desenvolver na instituição, a prioridade no presente e o norte para o futuro de médio e de longo prazo, segundo as autoridades governamentais. Qual o propósito do CVT? De acordo com as referidas autoridades, atender ao desafio de (re)qualificação da força de trabalho carioca e fluminense, de

modo a melhor inserir os trabalhadores no parque produtivo estadual. Um objetivo louvável e muito importante, seguramente.

Todavia, associado a esta política pública, revelam-se visões que, se realmente postas em prática, mostram um potencial bastante danoso, não apenas à Faetec, mas ao povo carioca e fluminense. Referimo-nos especialmente a um olhar empobrecedor, que atravessa tais visões, sobre o ensino médio técnico – foco originário da Faetec e o que a tornou reconhecida na sociedade. Segundo o presidente da Faetec, o ensino médio técnico é “muito caro”. Na mesma linha de raciocínio, o secretário de Ciência e Tecnologia, em matéria publicada pelo Jornal do Brasil em 20/04/2009, afirma que a escola técnica de qualidade não responde às necessidades públicas. Isto porque, no entendimento do secretário, é tão boa que os formandos se dirigem mais às universidades do que diretamente ao mercado de trabalho. Qual a implicação prática destas visões? Precarizar a escola técnica e amesquinhar a formação dos jovens trabalhadores.

O ensino médio técnico possui como natureza formativa a combinação de duas dimensões fundamentais na vida contemporânea: a cidadania e o trabalho. Faz o casamento, na oferta do seu ensino, entre a dimensão humanística e a técnica/operacional. Se orienta para a formação de sujeitos que não apenas saibam operar equipamentos, que apenas saibam executar tarefas. Muito além disso, visa oferecer uma formação orientada para a constituição de sujeitos que tanto tenham a capacidade de executar tarefas quanto de participar do processo de decisões sobre as mesmas. Portanto, um sujeito mais autônomo e menos dependente da máquina.

Este potencial que a escola técnica possui, e que precisa ser desenvolvido, tende, contudo, a ser posto de lado no projeto que o Governo defende para a Faetec. Ao invés de manter-se como foco da instituição, a escola técnica tenderá a ser colocada em segundo plano, priorizando-se a oferta de cursos de curta duração. Se for realmente para atender a necessidades

imediatas de (re)qualificação do trabalhador o CVT pode exercer um papel importante. Pode ser uma contribuição dada pelo Governo Estadual aos trabalhadores. Mas, em nenhum momento se pode defender o CVT como prioridade dentro da Faetec! Nesse sentido, um risco tremendo ronda a Faetec: transformar-se em uma espécie de Senai dos anos 1960, com cursos rápidos e que atendam exclusivamente aos interesses do empresariado – pouco afeitos que são ao aprofundamento da formação dos trabalhadores.

O argumento, lançado pelo Governo, de que o destino dos alunos da escola técnica deveria ser, de imediato, o mercado de trabalho, e não a universidade, e que por isso o CVT terá melhor serventia que o ensino médio técnico, também é muito frágil. Será mesmo que uma formação mais elevada e qualificada do jovem trabalhador que sai da escola técnica é o fator responsável pela opção universitária? Ou será o perfil da economia brasileira, que não valoriza o trabalhador, pagando-lhe salários baixos? Ou de uma sociedade que não têm no trabalho um valor ético importante? Uma economia em que se remunera tão mal o trabalhador, inclusive o portador do diploma de ensino médio técnico, e uma sociedade marcada por disparidades sociais grotescas, estimulam as pessoas a procurarem novas opções de formação e de entrada no mercado de trabalho. Desse modo, para a APEFAETEC, o problema a que faz referência o Governo tem causas muito mais profundas e se localizam mais fora do que dentro da escola técnica. Amesquinhar a escola técnica e a formação do jovem trabalhador, pondo como prioridade cursos de curta duração, realmente, não é a solução...

Neste quadro, também se encontra relegado a segundo, talvez terceiro, plano o ensino superior oferecido pela Faetec. Na audiência pública promovida pela Comissão de Educação da Alerj, em 15/04/2009, o presidente da Faetec chegou a ventilar, muito rapidamente, a intenção de ordenar a educação superior, ao que nos parece, com uma idéia relativamente próxima da experiência do Cefet, que se tem convertido em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Uma idéia, ainda timidamente apresentada, que tem o potencial, se desenvolvida e posta em prática, de integrar o ensino médio técnico e a educação superior da Faetec. Mas, para isso, é necessária a promoção de fóruns de debates

na instituição envolvendo ao coletivo dos servidores, de maneira a fazê-los participar e decidir sobre o projeto de futuro da Faetec. Nesse caso, a prioridade concedida atualmente aos CVTs também representa um empecilho à criação de maior substância técnica e educacional para a Faetec.

### ***Martins Pena esquecida pela Faetec***

A escola de teatro mais importante do Brasil, a Escola de Teatro Martins Pena, sobrevive graças ao esforço da diretoria atual e de seus poucos, mas esforçados, funcionários. Uma escola que é referência no teatro brasileiro, por onde já passaram vários monstros sagrados das artes cênicas, tais como: Procópio Ferreira e José Wilker. Hoje não recebe recursos técnicos e financeiros mínimos da Faetec, para satisfazer suas necessidades. Os alunos estudam em um espaço físico muito comprometido e insalubre, correndo o risco de contraírem diversas doenças, principalmente a leptospirose, devido à grande quantidade de ratos que passeiam pelo palco, pelos camarins e pelos banheiros.

A escola só está de pé graças ao projeto do atual diretor, que infelizmente está deixando a unidade educativa. A verdade é que a FAETEC não tem profissionais concursados suficientes na área cultural e não tem revelado o interesse adequado em manter a instituição a contento. Senhores presidente da Faetec e secretário de Ciência e Tecnologia: a cultura também é importante para o País e para a formação e valorização dos jovens.

Acorda Faetec !